

As residentas, traidoras e destinadas a lutarem e morrerem por Solano Lopez^a

Cláudio Skora Rosty^b

Resumo: Este artigo tem por objetivo conhecer a saga das traidoras, residentas, destinadas e designadas e relembra os 144 anos da punição às mulheres residentes no Paraguai, esposas dos estrangeiros mortos em São Fernando por conspiração. Como pena aplicada, elas foram empregadas na plantação de milho, mandioca e feijão, nos confins da cordilheira, com a finalidade de alimentar o segundo exército de Solano Lopez.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança, mulheres na guerra

O general Francisco Isidoro Resquin, cumprindo ordens de Solano Lopez antes da batalha de Lomas Valentinas, no acampamento de Piquiciri, em 18 de dezembro de 1868 emitiu ao capitão Bernardo Amarilla a “Missão Fatal” para as destinadas. Este é o documento que certifica a destinação dessas mulheres.

Despachar 1.900 (mil e novecentas) mulheres, a cargo do alferes Ignacio Romero, com 30 (trinta) praças armadas para escolta-las até, o Serro de Aruay, dali a Paraguay e deste ponto até Caacupé, do outro lado da Cordilheira. Para que o Sr. chefe do distrito de Caacupé, as faça acomodar, nos partidos mais longínquos daquela parte da cordilheira, a fim de serem empregadas na plantação de milho, mandioca e feijão.¹

^a Trabalho apresentado no IV Encontro Internacional sobre a Guerra da Tríplice Aliança, realizado em Corrientes, Argentina, em novembro de 2012.

^b Coronel de Infantaria. Associado do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Na cronologia da guerra elas aparecerem no cenário em fevereiro de 1868, no momento da passagem da Esquadra brasileira por Humaitá e quando se inicia a desocupação de Assunção, por medida de segurança, em 22 de fevereiro de 1868. O seu martírio termina no Natal de 1869, quando foram libertadas por tropas brasileiras.

O Teatro de Operações desta guerra vai desde a confluência dos rios Paraná e Paraguai, passando por Itapiru, Passo da Pátria, Estero Belaco, Tuiuti, Curuzu, Curupaiti, Humaitá, Pilar até o Corte do rio Tebiquari, e São Fernando, onde foram realizados os Conselhos de Inquéritos e os Tribunais de Sangue, ceifando a vida de inúmeras autoridades tidas como conspiradoras.

Os ambientes operacionais são: o entorno de Assunção e os confins das Cordilheiras, até a Serra de Maracaju em território brasileiro.

Estão enquadradas neste tema: as traidoras, as residentas, as destinadas e as designadas.

As “Traidoras” são as que foram julgadas e condenadas pelos

Tribunais de Sangue e Comissões de Inquéritos e conduzidas à morte pelo general Resquin.

Em documentação paraguaia encontramos que, denominava-se “Residentas”, as mulheres que, depois da evacuação da capital (Assunção), acompanharam o exército de Lopez até Cerro Corá, deslocando-se para o interior pelos altos da Cordilheira, ocupando residências especiais. Também, são aquelas que deram suas joias em 24 de fevereiro de 1867, para cobrir o esforço de guerra.

As “Destinadas” eram as mulheres acusadas de algum delito próprio, de seus maridos ou parentes, julgadas pelo marechal Lopez de inimigas do governo. Elas foram empregadas no plantio de “milho, mandioca e feijão”, a fim de produzir alimentos para as tropas de Solano López.

As “Designadas” eram as “destinadas estrangeiras”.

O nosso trabalho está fundamentado nas *Memórias da Madame Dorothea Duprat de Lasserre* – esposa de comerciante francês e educadora colegial, que nos descreve



detalhadamente, em seu diário, os assombrosos e martírios por que passou e passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade (estrangeiras). E no relato de Concepción Domecq de Decoud, esposa do coronel João Francisco Decoud, um dos organizadores da Legião Paraguaia² e mãe de José Segundo Decoud, fundador do Partido Colorado, e de Héctor Decout, historiador. Elas foram designadas pelo presidente paraguaio para morrerem de fome nos inóspitos desertos do Iguatemi, até serem salvas pelo Exército Brasileiro no Natal de 1869.

Elas caminhavam a pé, quase sem roupas, carregando sobre a cabeça o que podiam salvar de seus pertences, e no pescoço, conduziam um pequeno crucifixo.

A CONQUISTA E A OCUPAÇÃO DE HUMAITÁ – O MASSACRE DE SÃO FERNANDO

Em consequência dos reconhecimentos em força e do cerco realizado à fortaleza de Humaitá pelo

exército aliado, em 16 de julho de 1868, os paraguaios foram obrigados pela crítica situação a evacuarem Humaitá pelo chaco argentino. O Exército Aliado, em 5 de agosto, ocupou Humaitá, que passou a ser base de apoio para as operações futuras. Caxias, procurando manter contato com López, que ocupou o corte do rio Tebiquari e São Fernando, em 19 de agosto, iniciou o deslocamento de suas tropas para o Norte.

Lopez ficou em São Fernando cinco meses, tempo suficiente para a preparação das posições defensivas do corte do rio Piquissiri, em Angustura.

Senhores da mais alta categoria social, a par de simples burgueses, ministros, generais, oficiais superiores, subalternos, funcionários civis de todas as graduações, artistas, negociantes, lavradores, operários foram arrastados ao acampamento de São Fernando, submetidos a Conselho de Guerra, sob pretexto de urdirem conspirações contra o governo e fuzilados como réus de alta traição ou mortos nos cepos de laço.



O coronel oriental Francisco Laguna, que ao declarar-se a guerra fora oferecer sua espada em defesa de Lopez; Don Rodrigo Larreta, secretário da delegação uruguaia e o antigo cônsul dessa nacionalidade Antônio Niu Reys, foram fuzilados pelo mesmo crime (traição), aquele a 22 e estes a 26 de agosto de 1868.³

Os generais: Robles - o invasor de Corrientes; Barrios - o herói de Mato Grosso; Bruguez – ministro; Saturnino Bedoya - cunhado de Lopez; José Borges - ministro das Relações Exteriores; Venâncio e Benigno Lopez - irmãos do ditador; Bispo Palácios; Coronel Martinez e milhares de cidadãos de todas as classes foram lanceados em São Fernando, durante o planejamento da retirada daquele lugar.

O coronel paraguaio Mathias Goiburu, aprisionado em Aquidaban, declarou que o número dos vitimados sob pretexto de conspirações elevou-se a mais de quatro mil e quinhentas pessoas. A própria mãe e irmãs, milagrosamente salvas pelo Exército Brasileiro em Cerro Corá, já tinham sido condenadas a pena

última, depois de serem espaldeiradas pelos juízes, por ordem de seu próprio filho – Solano López.

Estes são alguns personagens importantes do relacionamento da família Duprat:

- Aristides Duprat - irmão de Dorothea era quem despachava no armazém de negócios da família. Jovem querido de todos os que o conhecia. Ele recebia a confiança de uma porção de mulheres, que não sabiam ler e nem escrever. Para fazê-lo, elas se valiam dele, escrevendo-lhes as cartas, que enviavam para o exército e respondia as que vinham. Serviço esse que fazia com paciência e desinteresse, de modo que, sem pretendê-lo passou a ser sabedor de uma infinidade de tramas da frente de batalha. Foi o que, o levou a morte.

- M. Laurent Cochelet⁴ - Cônsul da França, dedicado aos presos estrangeiros: visitava-os, alimentava-os e ia e vinha ao ministério para averiguar suas causas e pedir seu julgamento, mostrando sempre um empenho digno de um agente consular. Distinguindo-se, além disso, pela humanidade com que



amparava os desgraçados e por ter feito ponto de honra, salvar o direito dos abandonados pela mão de Deus. Foi o único cônsul que se fez respeitar por Lopez;

- M. Peralt de Coraliere du Cuverville, substituto de Cochelet - As desgraças dos estrangeiros residentes no Paraguai começaram na data da mudança do cônsul francês.

Lopez deu ordem de desocupação da capital de Assunção para Luque e a mudança do Arsenal de Guerra de Ybicuí para Caacupé, como medida de segurança, após a passagem da Esquadra aliada por Humaitá. A data de desocupação foi até às 12:00 h do dia 22 de fevereiro de 1868.

Todos os estrangeiros deviam se apresentar ao juiz para receberem o destino a ser seguido. O irmão de Dorothéa recebeu passaporte para Piribebuy, depois de interpellar para não se separar da família. O juiz retificou para que todos da família seguissem para Valenzuela. Mas, por interferência do cônsul foram designados para a vila de Límpio, onde tinham amigos. Se-

guiram juntos com a família Gutierrez, onde ficaram até sexta-feira Santa. Por falta de estrutura comercial mudaram para uma quinta (casa de campo) em uma coxilhazinha próxima a cidade de Luque. Vive-ram afastados da sociedade, trabalhando na destilação de cana, porém, satisfeitos por ter toda a família reunida. Já se ouvia falar de prisões de estrangeiros.

O dia fatal para a família Duprat foi 6 de julho de 1868, quando às 21:00 h chegou um soldado na casa dos Duprat, dizendo que o chefe de polícia queria falar urgentemente com Don Francisco Lasserre. O marido de Dorothéa partiu para nunca mais voltar.

Em 12 de julho de 1868, ela recebeu de seu marido um saco de roupa suja para lavar e encontrou nos bolsos e costuras dois bilhetes escritos: um com sumo de laranja e o outro com o lápis, que ela havia mandado escondido entre a roupa limpa.⁵ O primeiro bilhete dizia: “encerraram-me aqui sem me dizer nada, não me permitiram ainda ver o chefe de polícia”; o outro: “nada sei, ainda não me interrogaram.”⁶



Na segunda metade de julho de 1868, Dorothea soube pelo cônsul, que seu marido já não se encontrava mais em Luque, tinha partido para a capital.

Os cônsules da França e da Itália foram chamados ao Ministério das Relações Exteriores, onde receberam ordem de entregarem, como presos, toda a gente estrangeira. Se não o fizessem por vontade própria, seriam obrigados pela força. Assim, o pai de Dorothea, também fora levado preso.

Às 02:00 h da madrugada de 19 de julho de 1868, levaram Aristides Duprat, o irmão de Dorothea, da forma mais violenta. Arrombaram a porta e o arrastaram para fora. Até o dia 22 de julho, Dorothea ficou sem notícias e foi ao

consulado para consultar, se não seria uma boa ideia, no dia do aniversário natalício de Lopez (24 de julho), pedir pela liberdade dos seus presos. O cônsul gostou muito da ideia e fazendo muito mistério disse: “que havia um assunto muito grave e de muita importância, ao qual se referiam as prisões que ocorreram naqueles dias”.

Em 12 de agosto despediu-se de Dorothea, o compatriota Mr. Theophilo Iante, que embarcava para a França, oferecendo-lhe dinheiro e farinha de trigo, que chegou a muita boa hora. No mesmo dia o chefe de polícia

mandou confiscar todos os cavalos, pois os fornecedores do exército, dias antes haviam tomado todas as suas mulas. Só ficou com a carroça,



Monumento em homenagem às resistentes localizado em Luque



da qual, só poderia fazer uso se alguém lhe emprestasse a tração animal.

Sobre a existência da tal conspiração, Dorothea achava que tudo era uma comédia ou uma horrível tragédia. Inventada para justificar o roubo do tesouro e confundir a todos, sobre a perda segura dessa guerra injusta. Guerra esta que Lopez movia contra os aliados, demonstrando enfim, ser ocasionada por traições.

A 2 de dezembro, Dorothea acompanhada pela senhora Gutierrez, foi visitar a esposa do cônsul italiano. Tomou conhecimento do documento, que ordenava a todos os estrangeiros e nacionais, que fossem à capital retirar de suas casas, tudo o que quisessem. Porque, depois do dia 6 do mesmo mês em diante, ficava proibida a entrada.⁷

A senhora Gutierrez foi à capital saqueada e encontrou as fechaduras trocadas e todos os depósitos e armazéns inteiramente vazios. Os móveis de seu quarto arrabados, um armário e uma escrivaninha des-

pedaçada. Não havia a quem recorrer, pois tudo fora feito por determinação do governo.

Após elas terem resgatado o que sobrou de valor, voltaram para a quinta próximo de Luque, no dia 6 de dezembro. A evacuação definitiva de Assunção já tinha começado, devido à presença de tropa aliada nos arredores da capital guarani.

MANOBRA DO PIQUISSIRI, A DEZEMBRADA E A EVACUAÇÃO DA CAPITAL

As forças paraguaias, durante cinco meses prepararam as posições fortificadas de Angustura, Ita-Ivaté e Lomas Valentinas. Caxias e Inhaúma subiram o rio Paraguai até Angustura e constataram que o corte do rio Piquissiri era um obstáculo de difícil transposição. Caxias decidiu novamente empregar a manobra de envolvimento.

Os aliados atacaram com o esforço principal as posições de defesa paraguaias, contornando as fortificações de Angustura – Piquissiri



pelo chaco argentino. Isolou a capital pelo Norte e atacou de surpresa a retaguarda das posições defensivas inimigas. O esforço secundário foi responsável pela manutenção da fisionomia da frente e pela dissimulação do ataque principal.

O apoio da Esquadra brasileira foi de vital importância, tanto no transporte de tropas, quanto no apoio de fogo e logístico. Foi decisivo o papel de Caxias na ponte de Itororó. A perseguição ao inimigo, não foi realizada devido à fadiga da tropa e a cavalaria brasileira, não ter chegado a tempo.

Seguiu-se a batalha do Avaí. O ataque a Piquissiri, Ita-Ivaté e Angustura.

Após a junção das tropas que estavam em Palmas, com as do Norte, foi possível conquistar Ita-Ivaté e Lomas Valentinas. Solano Lopez, logo que pressentiu a sua derrota em Lomas Valentinas, fugiu para Cerro Leon, passando por Paraguary e depois para Ascurra. Bernardino Caballero reuniu tão depressa quanto pode um novo exército, de jovens e idosos, a fim de se opor aos aliados.

Terminada a jornada das Lomas Valentinas e de Angustura, a Esquadra brasileira transportou uma pequena expedição de 1.700 homens, sob o comando do coronel Hermes Ernesto da Fonseca, em 1º de janeiro de 1869, para Assunção, onde desembarcou sem resistência, tomando conta da cidade, que já se encontrava abandonada. No dia anterior o Exército Aliado havia iniciado a sua marcha para Assunção e somente no dia 5, pela manhã, Caxias entrou na cidade fantasma, sem ter encontrado nenhum obstáculo.

No dia 6, Caxias deu nova organização ao seu exército, compondo-o somente com dois corpos: o 1º Corpo de Exército sob o comando de Osório e o 2º Corpo de Exército sob o comando de Argolo, que estariam respectivamente comandados, por José Luiz Mena Barreto e Jacinto Machado Bitencourt.

Com sua saúde profundamente abalada, Caxias sentia necessidade de um repouso, não suportava mais esforços contínuos. Durante um *te-deum* na catedral de Assunção foi acometido de uma síncope, que o prostrou bastante. Depois de passar



o comando do exército ao marechal Guilherme Xavier de Sousa, Caxias retirou-se para Montevidéu. Logo, em seguida afastou-se também de Assunção e do comando da nossa Esquadra, o Visconde de Inhaúma, pelos mesmos motivos de moléstia. O seu sucessor Barão da Passagem (16 de janeiro de 1869) assumiu interinamente o comando até a vinda do almirante Elisiário Antônio dos Santos. Por sua vez, retiraram-se também Osório, e Argolo. Outras figuras de relevo militar, além de Andrade Neves Gurjão, Jacinto Machado Bitencourt e outros que faleceram na própria capital inimiga.

Os aliados tiveram que suspender suas operações, a fim de reorganizar a tropa. Várias incursões foram realizadas: para as cidades de Rosário; São Pedro e Vila-Rica, e sobretudo a tentativa da destruição dos restantes navios paraguaios internados no rio Manduvirá – vapor *Cuê* (18 de abril) –, a destruição da fundição de Lopez no Ibicuí (8 de maio) e a conseqüente exploração do contorno da cordilheira e seus caminhos de acesso.

Todos esses movimentos foram realizados durante o comando do general Guilherme Xavier de Sousa substituto de Caxias, de janeiro a abril de 1869, e os restantes já no comando do marechal Gastão do Orleans, Conde d'Eu, genro do Imperador.

No dia 1º de janeiro de 1869, às 12 horas, apresentaram-se dois sargentos paraguaios trazendo ordens para que todos os homens, que se encontrassem nas redondezas fossem incontinenti, se apresentar na comandância militar de Luque.

A senhora Gutierrez habitava na casa dos Duprat, com toda a sua família, de maneira que nesse último momento existiam três homens nesse domicílio: o criado Luiz Rabieré, que era francês; o da senhora Gutierrez, Juan Benitez, que era argentino; e o cozinheiro Antonio Camban espanhol. Poucas horas depois regressaram, trazendo uma ordem na qual intimava a todos, que seguissem no menor prazo possível, para as cordilheiras.

Às 14:00 h do dia seguinte, 2 de janeiro de 1869, foi concluído o



interrogatório. O comandante escreveu um passe e entregou a um velho sargento da guarda com ordens de escoltar os Duprat e os Gutierrez até Piribebuy e apresentá-los ao chefe de polícia. As destinadas foram pernoitar em uma casinha abandonada. Pela manhã foi dada a ordem de marcha. Dorothea mandou prontamente encilhar os cavalos e seguiu viagem no meio da soldadesca meio embriagada, que as cercava por todos os lados. Assim foram andando até a estação de Areguá, onde param para descansar. Essa vila foi ocupada a 4 de maio de 1869, por uma coluna brasileira das três armas sob o mando do coronel João Nunes da Silva Tavares.

O comandante dos exércitos aliados, general Guilherme de Sousa que tinha o grosso de sua força em Assunção, com a sua vanguarda em Luque, determinou que se restabelesse a linha férrea e as ligações telegráficas. Primeiramente entre Assunção e Luque, depois daí ao rio Juquerí, e se construiu uma ponte sobre esse rio. O 2º Corpo de Exército que se achava em

Assunção, no dia 5 de abril, marchou para Luque.

OS DESLOCAMENTOS DAS DESTINADAS

No trajeto para Piribebuy, as destinadas passaram pelo povoado de Caacupé e tiveram uma horrível impressão. Nunca pensaram ver tanta miséria, nem tão espantoso conjunto de desgraças. O ambiente estava saturado de feridos, que a cada momento, elas eram obrigadas a taparem o nariz. Desde o início da picada até a cidade de Piribebuy, onde chegaram a 11 de janeiro, a estrada estava coberta de cadáveres de gente e animais putreficados.

No deslocamento para São José, disse o juiz: “você pagará oito pesos pelo aluguel da carreta da chefatura até o lugar do seu destino”. Os criados foram colocados no mesmo passe acompanhando as destinadas até Yhú. Em 14 de janeiro ao meio dia chegaram em São José.

As Chiñuelas⁸ sem grandes embaraços escolhiam para marchar,



de preferência, as horas em que o sol era o mais abrasador. Todas foram recebidas pelo juiz do partido, que as atendeu com muita amabilidade, e as acomodou de baixo de um galpão. No dia seguinte, às 11 horas da manhã, partiram para Ajós, onde chegaram ao cair da tarde, sendo por ordem do juiz, recolhidas a uma casinha abandonada.

Dolorosa surpresa teve Dorothéa, ao encontrar ali, com uma porção de senhoras da melhor sociedade da capital, atiradas como ela, nos confins do país. Perguntou a todas o que faziam naqueles desertos, que crime haviam cometido, para merecer tão cruel provação. Responderam, que tinham sido destinadas para Yhú, que seus esposos, pais e irmãos haviam desaparecido, seus bens confiscados ou arrancados sob diversos pretextos.

As destinadas chegaram à margem do rio Tisatiny, que passaram em canoas com alguma dificuldade devido à forte correnteza. Na margem oposta, já se achava a espera delas, o juiz de Carayaó, que lhes distribuiu por uns ranchinhos de pa-

lha próximo ao rio. Enquanto esperavam as carretas, que as devia conduzir para a povoação, a duas léguas dali. O juiz recomendou aos donos das casinhas, que as tratassem muito bem. No dia seguinte, seis carretas as conduziram ao povoado.

A senhora Gutierrez recebeu uma encomenda da madame Lynch acompanhada de uma carta que não quis mostrar a Dorothéa. Mais tarde, estando ela doente, Dorothéa teve que examinar seus papéis e vendo seu nome em um deles, leu o seguinte:

Fazeis muito mal falando em vossas cartas das senhoras de Duprat e Lasserre. Não é minha intenção influir sobre vossas amizades, porém, não posso deixar de dizer-vos o mal que fazeis pronunciando seus nomes. Quero crer que estas senhoras ignoram a parte ativa que seus maridos tomaram na conspiração, porém vos direi por alto e ligeiramente o resultado da declaração destes criminosos. O Sr. Duprat, pai, foi um dos mais ativos conspiradores espião brasileiro em correspondência com o Barão de Villa Maria; encontraram-se cartas escritas por ele



muito comprometedoras, porém, S.Exa quis cerrar os olhos sobre isso e deixou-o em liberdade. O Sr. Lasserre agente perigoso da conspiração, recebeu uma grande quantidade de dinheiro do tesouro para sustentar vários conspiradores e remeteu para baixo (Argentina) uma forte soma. O Sr. Aristides Duprat foi o escolhido entre os conspiradores para cravar o punhal assassino no coração da augusta pessoa de Sua Excelência. Podeis compreender então o mal que fazeis a si própria continuando a intimidade com ela: se não fosse isto estarias agora ao lado do vosso esposo.⁹

As Destinadas deslocaram-se para Yhú, onde chegaram em 21 de março de 1869.

O Conde d'Eu saiu no vapor *Alice* do Rio de Janeiro, em 30 de março, passando respectivamente por Montevideú e Buenos Aires em 5 e 7 de abril. No dia 14, Sua Alteza Real chegou a Assunção e aos 16 assumiu em Luque as suas funções de comandante-chefe dos exércitos aliados. Seguiu para Lambaré, a fim de inspecionar o 1º Corpo de Exército e daí a Jquirí, onde se achava a vanguarda.

Em Yhú, as Destinadas foram hospedadas nas casas das senhoras Rolandi e Susini, que as tinham precedido. O juiz concedeu licença para poderem caminhar até uma légua em volta da povoação à procura de um local para prepararem as suas roças (capoeira), construir suas casas





e comecem a plantar feijão, mandioca, milho, melancias, repolhos¹⁰, etc... Receberam também a missão de um sargento para cortar paus na mata a fim de fazerem lanças para os cinco soldados de cavalaria que as guarneciam. Elas, depois da missão cumprida, solicitaram dispensa, devido ao estado debilitado pelos 140 quilômetros percorridos em menos de dois meses e as doenças que contraíram pelas fortes chuvas.

Dorothea voluntariamente ajudava a dona da casa Maria Anna Paredes de Villagra onde as receberam. Ela e sua mãe cuidavam de quatro crianças e das lides domésticas. Dorothea afirmou que jamais esquecerá esta campesina de maneiras nobres e bondosas, reunindo em si, todos os predicados de uma mulher exemplar e mãe de família. Essa bondosa mulher fez Dorothea e sua mãe passarem 5 meses em sua casa, tempo necessário para se restabelecerem e suportarem o que estava por vir.

O Conde D'Eu determinou que fossem realizadas duas explorações ao Sul, partindo de Luque para Itá,

passando por São Lourenço. E outra, com a missão de dirigir-se até Patinho-Cué. Constatou não haver inimigo algum ao Sul dos aliados e a Este da linha Patinho-Cué e Itá.

No dia 15 de maio, o coronel Oliveira Bueno, que se achava em Rosário, teve conhecimento de que o inimigo, com cerca de 1.200 homens, se achava localizado entre Sargento Lamas e S. Pedro, ao Norte do rio Jejuí. Ele se incorporou às tropas do general Câmara, e seguiram para a povoação de S. Pedro, por via fluvial.

O Conde d'Eu, em 25 de maio, estacionou em Piraju e mandou para frente uma vanguarda sob o comando do general Mena Barreto, com a missão de ocupar a estação de Cerro Leon, em frente ao acampamento paraguaio e apossar-se da ponte sobre o rio Piraju.

No início de junho o general Osório voltou ao teatro da guerra. De acordo com Lobo Viana,

a chegada do ínclito soldado a Piraju foi um verdadeiro triunfo. "(R. Pombo)." Às duas horas da tarde de 6 de junho de 1869, (Domingo) chegou à estação de



Piraju o general-Visconde do Herval, a quem. S. A foi receber. O General assumiu o comando do 1º Corpo de Exército, que debaixo das ordens do seu comandante interino o brigadeiro José Luiz Mena Barreto, se achava formado em revista. Quando o vulto varonil do notável guerreiro surgiu nas dobras do acampamento, um entusiasmo, quase delírio, quase loucura, apoderou-se de todo o Exército.

Os soldados, infringindo as severas regras da disciplina, saíram de forma, à carreira, em tropel, e cercaram o valente cabode-guerra. Vivas, hurras, tirar de bonés, agitar de braços, causando-se aos sons das bandas marciais, tal foi a recepção nos campos de Piraju. Os mais exaltados, os mais entusiastas apoderaram-se das rédeas do cavalo, e Osório, exausto de comoção, pedia, suplicava que o deixassem passar e o herói passou entre alas de soldados, que benziavam a chegada do mensageiro da vitória.¹¹

Lopez se retira para Caraguataí e no dia 8, pela manhã, o Exército Aliado marchou para Piribebuí. Objetivo de grande importância, pois se tratava da 3ª capital de Lopez.

Esta cidade estava construída na encosta de uma colina, cercada de outras mais altas, e bastante fortificada e defendida por 19 bocas de fogo, com cerca de 3.000 homens decididos ao combate até o último alento. A sua povoação era quase formada de palhoças, ao pé da qual corre o arroio que deu nome à vila. Várias estradas dali partiam: para Barreiro-Grande e Caraguataí ao Norte; para Itacuruí e S. José a Leste; para Valenzuela a Sudeste; para Mobicuá ao Sul; para Cerro-Leon e Paraguari a Sudoeste; e para Ascurra e Caacupé a Oeste.

Às 6 horas da manhã de 12 de agosto iniciou-se o ataque a Piribebuy. Os paraguaios tiveram cerca de 120 mortos e mais de 1.100 prisioneiros e as nossas perdas teriam sido mínimas (25 mortos e 192 feridos), se o bravo general João Manuel Mena Barreto não tivesse caído morto na contra-escarpa duma trincheira inimiga. Depois da nossa vitória de Piribebuy, a situação do ditador Lopez tornou-se ainda mais precária nas cordilheiras.

O Conde não quis perder tempo e determinou que o 2º Corpo



de Exército contra-marchasse para Piribebuy e daí seguisse para Barreiro-Grande, enquanto ele, junto com o 1º Corpo de Exército, partiram em direção a Caacupé, onde chegou à uma hora e meia da tarde do dia 15. Ele pouco se demorou em Caacupé. Já no dia 16 de agosto de 1869 seguiu pela mesma estrada que Lopez tinha ido de Caacupé à Caraguataí. O Conde d'Eu mandou que a infantaria arriasse as mochilas, avançou em acelerado e desembocou em um vasto campo denominado Acosta-ñu, pelos paraguaios, ou Campo-Grande.

A batalha durou cinco horas e meia e custou-nos 450 baixas, mas o campo ficou juncado de mais de 2.000 cadáveres e fizemos 500 prisioneiros além de 800 feridos que se recolheram aos hospitais.

Em Yhú – cinco meses depois, 2 de setembro de 1869, apareceu no acampamento de Yhú, uma dúzia de homens bem vestidos, vindos de Vila Rica, parte de um grupo de 500 homens a procura do acampamento de Lopez. Receberam um guia e seguiram em sua jornada. Acreditava-se que eram da Legião Paraguaia -

grupos de reconhecimento da tropa aliada.

O Comandante de Yhú convocou uma conferência popular, onde todos puderam dar suas ideias. Ficou decidido que, amigo ou inimigo, todos seriam recebidos com bandeiras brancas. Dois dias depois, todos os homens as abandonaram, ficaram sem autoridade que as orientasse, muitas senhoras seguiram para Curuguaty, distante 78 km. Disse Dorothéa: nós fomos às últimas. Dias depois, o capitão Aquino aconselhou que voltássemos a Yhú, onde seria mais seguro.

Em Yhú, as Destinadas presenciaram bailes em homenagem ao capitão Aquino e a seus homens e não mais se ouviu vivas a Lopez. As partidas volantes faziam a descoberta, aprisionavam-se mutuamente, e até se matavam, considerando-se espiões. Soldados levam nos bolsos fitas com as cores do império para usar em caso de necessidade. Uma semana depois, reuniram todos no alpendre da igreja sob o pretexto de eleger novo juiz, mas na realidade era para relacionar todas as famílias.



Tocaram chamada geral para as Destinadas formarem no centro da praça, onde foram separadas em velhas, ½ idade, moças, meninas, formando grupos distintos de casadas, solteiras e estrangeiras. Cinquenta velhas foram para um ponto afastado da povoação. Reuniu as estrangeiras e disse que tinha particular prevenção contra Dorothéa. E um grupo seguiu para S. Joaquim, a fim de serem apresentadas ao general Delgado e irem para Santo Antônio.

Em Yhú a 19 de setembro de 1869, alguma coisa de grave passava-se, pois os espiões iam e vinham, invadiam as casas e levavam toda a comida e, nesse dia, levaram todos os animais que encontraram. Às dez da noite chegou uma partida de cavalaria com ordem de escoltar as destinadas até Curuguaty, por picada estreita e matosa. Ao amanhecer estavam as Destinadas no passo do rio Ibicuí. Atravessaram por uma pinguela feita de tronco de árvore, onde muitas perderam o equilíbrio e a vida.

De Yhú para Curuguaty o que as movia era o chicote, a lança e

vontade de viver. Até que gritaram: “os inimigos nos perseguem, caminhem...” serviu de alarme para que os guardas as abandonassem e seguissem em debandada, foi uma desordem geral. Dorothéa aproveitou para fazer um complô com a senhora Leite Pereira, fingiram de enfermas para fugirem para a mata. Foram encontradas e seguiram o destino de designadas à morte. O alvoroço era porque Lopez estava em Curuguaty, vindo de São Estanislau (4ª Capital) e as tropas aliadas se aproximavam de Yhú.

As Destinadas chegaram em Curuguaty em 28 setembro. As contaram como se fossem ovelhas e as alimentaram com muito boa carne. Dorothéa descobriu que Lopez partira daquele lugar na noite anterior. Fizeram-nas marcharem para Igatemi e dois dias depois chegaram ao rio Jejuí. Mais tarde encontraram o comandante Paulo Urbietta que passou em revista o exército de mais de 3 mil cadáveres ambulantes, parecendo Napoleão passando em revista seus granadeiros de Marengo.



Em Igatemi (1 de outubro de 1869) Urbietta trouxe até as Destinadas o padre Cantero, que depois de as nominarem, as colocaram em semicírculo para ouvirem a homilia do religioso ridículo, que trepou na árvore e fez de um galho, púlpito para sua pregação. Enalteceu Lopez e disse: “que era o destino das Destinadas plantarem para obterem o sustento”. Na realidade era para suprirem o exército de Lopez.

Neste acampamento Dorotheá, encontrou a amiga Eugênia e suas filhinhas. Logo adoeceu e a senhora Leite Pereira a socorreu. Nem bem começaram a escolher lugar para plantarem um sargento veio a galope e deu ordem de marcha, e as conduziu a um cerrado para lavrarem a terra. Elas foram organizadas em duas turmas, enquanto uma trabalhava a outra descansava e o rodízio ocorria diariamente.

Dorotheá era encarregada de tirar as faltas e conduzir a companhia munida de facas amarradas em paus para cortar o mato, fazer buracos e plantar milho, mandioca e feijão. Não tinham mais de 3 arados de ferro e 4 de madeiras. A senhora

Carmem Goiburú propôs que se fizesse uma suplica para habitarmos uma povoação próximo dali 8 léguas. Foi brutalmente amarrada em um tronco e punida exemplarmente. Em seguida veio a ordem para construir ranchos.

Após a construção dos ranchos e as roças feitas, as Destinadas receberam ordem de marcha, em 23 de outubro. A todo instante eram feitas chamadas das 4.028 mulheres que saíram de Piribebuy, só restava metade (2.014) vítimas da fome, maus tratos, sede e das intempéries. Dorotheá e a senhora Leite Pereira estavam sempre sendo observadas, com certeza era recomendação da harpia irlandesa. As Destinadas gastaram sete dias para chegarem ao Espadim.

O deslocamento lento era proposital, a fim de debilitar ainda mais as destinadas. Todas estavam debilitadas no mais alto grau de inanição. Quando uma mula deu à luz, também deu esperança, seu burrico serviu de alimento.¹² Ali elas deveriam construir seus ranchos e iniciar o plantio de milho, mandioca e feijão. A mãe de Dorotheá estava



muito fraca. Ela conseguiu colher alguns cocos e laranjas azedas, que muito animaram a sua velha mãe.

As Destinadas em Espadim (1 de novembro de 1869) - Nesse dia foi encontrado nas proximidades um grande laranjal. A mãe de Dorothea afinal comeu carne de jumenta era a única forma de salvá-la. Acabaram-se os animais e morria diariamente muita gente, estava-se cumprindo efetivamente, as ordens de Lopez. Próximo a choupana de Dorothea na margem do rio estabeleceu-se o cemitério e ela testemunhou todo aquele infortúnio. Acabaram-se as laranjas e algumas comeram cães, cobras e lagartos.

Em Espadim, na manhã de 28 de novembro, um grande alvoroço percorreu o acampamento. Eram índios Caiuás que apareceram para vender alimentos. Logo foram cercados pela multidão de senhoras famintas. Isto as deu um pouco mais de alento. Os índios foram proibidos de comercializarem no rancho, mas foi permitido elas irem até o acampamento deles, o que tornava a situação mais difícil. Certo dia eles trouxeram carne fresca. Era carne

humana da jovem Felícia Jimenez de 18 anos que saiu do acampamento em busca de frutas e não mais voltou.¹³

Os preços despropositados dos índios Caiuás eram: Sapos e rãs – 2 a 3 patações; Cãezinhos - 50; Asnos magros e feridos – 1.000; trocas diversas. Aquelas que mais conseguiam eram as que menos precisavam.

No amanhecer de 2 de dezembro, para a surpresa de todos faltavam três das principais famílias (Suzana Cespedes, Gil, Haedo, Dentella, Burguez,...) fugiram guiadas pelo índio Galiano.

Decisão: ficar e morrer de fome ou lanceadas pelos soldados de Lopez ou entregar-nos aos índios e aventurar-se nos desertos. Foram organizados grupos de 5 a 6 famílias, 600 senhoras. O único alimento que restava (laranjas azedas) que acabara.

Em Espadim - 14 de dezembro de 1869 - A senhora Leite Pereira ao negociar carne e mel com os índios desconfiou de suas atitudes. As Destinadas resolveram permanecer no rancho, com aproximadamente



200 senhoras. Duas semanas depois, negociaram o resto do que tinham com os índios (roupas, ponchos e redes) e empreenderam penosa fuga pelas queimadas, atoleiros e matagais. Dois dias de marcha foi o suficiente para atingir os altos da serra de Maracajú e voltar ao ponto inicial, por estar guarnecida sua passagem.

Em Espadim (22 de dezembro de 1869) Dorothea não ocupou a sua cabana no centro armou sua tenda na periferia, próximo ao bosque, facilitando a fuga caso as viessem buscar para Panadero. A mãe de Dorothea e a senhora Leite Pereira adoeceram vitimadas pela malograda fuga. Vários planos elas fizeram, mas faltou-lhes coragem depois das tentativas frustradas.

Em 22 Dez, elas foram avisadas que a serra estava livre e os soldados de Lopez haviam se retirado. Na noite de 23 Dez, elas partiram com cinco famílias para o acampamento indígena.



Dorothea vendeu sua última colher de prata em troca de um pedaço de couro, que assou para sua mãe e logo, tiveram que voltar apressadamente para o rancho pela segunda vez. Na volta em busca de alimento Dorothea se perdeu nos bosques e passou sozinha, a noite mais horrível de sua vida. No dia seguinte ficou de cama e a tarde, todas regressaram para o Espadim.

Na madrugada de 24 de dezembro, uma voz despertou-as: “sigam o quanto antes para o passo, que as outras senhoras vão já partir”. A ansiedade de encontrar a liberdade era tão grande, que todas as



senhoras quiseram atravessar a pinguela ao mesmo tempo e muitas morreram no Ibicuí, atenuando seus sofrimentos. A mãe de Dorothea perguntou! Quem veio nos buscar? E ela respondeu que não sabia, mas pressentia que o fim estava próximo.

AÇÃO DO TENENTE-CORONEL ANTÔNIO JOSÉ DE MOURA

Os brasileiros fizeram grande empenho em libertar as famílias que vagavam pelos desertos das Cordilheiras, sendo salvas aproximadamente 20 mil pessoas. O tenente-coronel Moura chegou a Iguatemi em 3 de dezembro e a 14 recebeu as primeiras famílias que conseguiram fugir sozinhas do Espadim: Cespedes, Urdapilleta, Bedoya, Aramburú, Gil Davalos estava a procura de sua irmã¹⁴ e duas sobrinhas e só encontrou com vida as menores, sua mana falecera quatro dias antes de sua chegada em Espadim.¹⁵

O tenente-coronel Moura, a 22 de dezembro, seguiu para Igatemi e

a 24, antes de atravessar a serra de Maracaju, em uma encruzilhada que dava para Panadero, encontrou cadáveres de mulheres, velhos e crianças degolados dias antes. Às 23 horas de 24 de dezembro, encontrou três ranchos entulhados de mulheres desterradas, que o guiaram até o acampamento do Espadim distante a sete léguas da serra de Maracaju.

O tenente-coronel Moura, às 4 horas da madrugada do dia de Natal, salvou 1.200 pessoas. A alegria das destinadas foi indescritível. Mulheres com fachos acesos corriam de um lado para outro, dando gritos descompassados, muitas caíram de delírio, outras espirram de emoção e por todos os pontos erguiam-se preces e cânticos de grupos ajoelhados, agradecendo à Deus sua providencial salvação.

Em Espadim - 25 de dezembro de 1869 - as destinadas chorando marcharam ao encontro de seus salvadores. Passaram mais um rio e desapareceram, na margem oposta, com a ordenança do Tenente Coronel Moura, que as esperava com palavras de conforto. □ Elas ouviram



pela primeira vez desde que estavam no Paraguai, a voz de um homem civilizado. Foi o melhor presente de Natal que receberam em todas as suas vidas: a proteção humanitária dos soldados do Brasil.

Ao chegarem aos postos avançados dos brasileiros em Curuguaty, a primeira notícia que as abalou foi de que todos os acusados da suposta conspiração tinham sido fuzilados. O irmão de Dorothéa a 9 e seu pai e marido a 22 de agosto 1868. A 28 de dezembro elas se apresentaram a S.A. o Conde d'Eu, que as recebeu com o seu estado-maior, com as demonstrações do mais vivo interesse, manifestando sensível e delicada compaixão pelo estado de miséria.

Dois franceses ofereceram a Dorothéa a sua casa que aceitou agradecida, pois órfã e viúva se encontrava tão só, tão desamparada, que o seu regresso à vida e à liberdade lhe fazia derramar lágrimas de sangue. Dorothéa dedicou as suas tristes recordações e desventuras, mal e palidamente descritas sobre o degredo do Espadim, ao coronel Pinheiro Guimarães, quem lhe fez esquecer destas agonias e infortúnios,

nos dias em que teve a ventura de passar sob a proteção de seu teto hospitaleiro.

Foram concedidas a Antônio José de Moura as honras de coronel do Exército, por seus relevantes serviços prestados à Pátria na Guerra do Paraguai. Nos últimos dias do mês de janeiro de 1893 foi encontrada sua cabeça separada do corpo, em um capão próximo de Cacequi-RS, por pertencer ao Partido Federalista e atuar contra o Dr. Júlio de Castilho. O mandatário deste bárbaro crime foi o Governador do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lopez seguiu seu itinerário de fuga para o Norte, carregando consigo o que restava de sua tropa. Foi cercado e lanceado pelas tropas do general Câmara em Cerro Corá, no dia primeiro de março de 1870. Seu algoz foi o Chico Diabo, que fez cumprir o lema de Francisco Solano López: “Vencer ou Morrer”.

Como conclusão, tudo o que foi mostrado é confirmado pelo testemunho do Capitão Domingo A.



Ortiz, combatente da Grande Guerra que, como membro de uma comissão de limites paraguaia-brasileira, voltou a visitar o acampamento de Espadim em 1873 disse: que em 1º de outubro chegou na cabeceira do arroio Espadim. No dia 9 encontrou inúmeros crânios e ossos humanos a beira do caminho e no dia 22 visitou o antigo acampamento e encontrou vestígios das vítimas infelizes que ali morreram de fome e sofreram os maiores padecimentos.¹⁶

Esta foi a saga das Destinadas, não para plantarem milho, mandioca ou feijão para as tropas de Solano Lopez, mas sim, destinadas a morrerem de fome nos confins das Cordilheiras e foram salvas pelas tropas brasileiras, como presente de Natal.

BIBLIOGRAFIA

ALCALA, Guido Rodríguez. *Destinadas y Traidoras* – Testemunho de mujeres de la Triple Alianza. Servilibro. 3ª Edición. Assunción – Paraguay. 2007.

CASTRO, Leite de. *Dicionário das Campanhas do Uruguai e Paraguai*.

MASTERMAM. *Sete Anos de Aventuras no Paraguai*.

MONTENEGRO, J. Arthur. *Memórias da Mme Dorothea Duprat de Lasserre*. Rio Grande: Livraria Americana.

MOSSÉ, Benjamim. *D. Pedro II*. Paris, 1889.

Papeles de López o el tirano pintado por si mismo y sus publicaciones. Buenos Aires, Argentina, Imprensa Americana, 1871 (Aventuras y padecimientos de madame Dorothea Duprat Lasserre, p 79 a 102).

Revista do Instituto Histórico Brasileiro – 1870.

RUBIANI, Jorge. *La Guerra de la Triple Alianza* (abc/color). El Diario de Mayor Circulacion de la República.

TAUNAY, Visconde de. *Campanha das Cordilheiras, Diário de Guerra*.

VIANA, Lobo. *História do General Osório por Fernando Osório*.

VILLAMIL, Manuel Penã. *Memórias de Silvia Cordal*.



¹ MONTENEGRO, J. Arthur. *Memórias da Mme Dorothea Duprat de Lasserre*. Rio Grande: Livraria Americana, p.20.

² ALCALA, Guido Rodríguez. *Destinadas y Traidoras – Testemunho de mujeres de la Triple Alianza*, p.39.

³ MONTENEGRO, op.cit., p.2.

⁴ Ibid, p.5 e 6.

⁵ ALCALA, op.cit., p.87.

⁶ MONTENEGRO, op.cit., p.7.

⁷ Ibid., p. 9

⁸ ALCALA, op.cit., p.56. Vocábulo que identifica as guias do grupo, que marchavam na frente da coluna. Estavam em condições superiores às destinadas.

⁹ MONTENEGRO, op.cit., p.26 e 27.

¹⁰ ALCALA, op.cit., p.51.

¹¹ VIANA, Lobo. *História do General Osório por Fernando Osório*.

¹² ALCALA, op.cit., p.10.

¹³ Ibid, p.67.

¹⁴ VISCONDE DE TAUNAY. *Campanha das Cordilheiras — Diário de Guerra*, p.311.

¹⁵ MONTENEGRO, op.cit., p.45. Irmã natural do Rio Grande do Sul casou com um português de Villa Rica, após a morte de seu marido Lopez mandou que fosse colocada junto das destinadas.

¹⁶ ALCALA, op.cit., p.9.